
A PARTICIPAÇÃO DA MULHER KATOKINN NO RITUAL CORRIDAS DO UMBU

THE PARTICIPATION OF THE KATOKINN WOMAN IN THE UMBU RACING RITUAL

Letícia Alves Valentim¹
Gisely Martins Silva²

Resistente há quase cem anos no interior de Alagoas, na atual cidade de Pariconha, o povo indígena Katokinn conseguiu seu reconhecimento étnico em 2003 e até então não alcançou a demarcação do seu território, vivendo em uma situação periférica, eles resistem. Descendentes do povo Pankararu, de Pernambuco, os Katokinn lutam para manter viva a sua história e tradição cultural e espiritual. Na cultura indígena, a ancestralidade é marcante e notável na identidade de um povo, da qual o conhecimento é transmitido geracionalmente, mantendo vivas as tradições e fortalecendo o povo, assim como as raízes e troncos das árvores sustentam seus galhos e ramas, para que continuem a brotar.

As Corridas do Umbu, como um dos principais rituais que ocorre na aldeia Katokinn, externam resistência, tradição e ancestralidade desse povo. O referido ritual acontece entre os meses de dezembro e março nas comunidades indígenas do tronco Pankararu, desde os antepassados. Esse ritual é uma herança que serve como instrumento de valorização e fortalecimento para os povos indígenas do alto Sertão de Alagoas, descendentes de Pankararu, aldeia localizada entre os municípios de Tacaratu, Jatobá e Petrolândia-PE.

A fim de descrever como é a estrutura das Corridas do Umbu, é pertinente destacar que o ritual se configura em três momentos, quais sejam: a flechada do umbu, a puxada do cipó e as queimadas do cansanção. Os dois primeiros momentos configuram-se na abertura do terreiro, sendo realizados em dezembro; o terceiro momento acompanha o fechamento do terreiro, tendo sua realização de fevereiro a março.

Nessa perspectiva, compreendemos que as corridas se caracterizam como um conjunto de rituais de fortalecimento da fé e de externalização do respeito às forças encantadas. Esse ritual tem suas etapas celebradas em dois terreiros, no mesmo dia, sendo um no nascente e o outro no

¹ Licencianda em Pedagogia no Cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas de Alagoas/CLIND-AL, na Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL.

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Linguagem (UNICAP) e Doutoranda no mesmo Programa. Bolsista PROSUC/CAPEL.

poente, espaços físicos e místicos, onde são realizados os rituais abertos com os Praiás, comunidade e visitantes.

É fundamental que todos os indivíduos envolvidos no rito estejam preparados para as práticas culturais, sejam no terreiro, na cozinha ou no salão. Por essa razão, tanto os homens quanto as mulheres devem seguir as regras propostas pela liderança responsável, evitando que quaisquer indivíduos fiquem acometidos por algum tipo de doença. Apesar de diferentes atribuições, ambos possuem papéis complementares, sem os quais o ritual não é efetuado.

Face a questão, é pertinente destacar que, na cultura indígena, o papel da mulher comumente esteve mais voltado aos afazeres domésticos, aos cuidados com as crianças e, não raro, aos serviços de parteiras. No entanto, atualmente, o seu protagonismo vem ganhando destaque nas comunidades, ocupando outros papéis como o de mezinheiras, benzedoras, lideranças espirituais, a exemplo da pajé Mapulu Kamayurá, e também lideranças políticas, como a cacique Maria das Graças (Nina Katokinn).

Nessa perspectiva, cabe destacar que o objetivo deste trabalho é descrever a participação da mulher na festividade Corridas do umbu, a partir de fotografias produzidas durante a queima do cansação, dando visibilidade ao papel feminino nesse ritual. Convém destacar que as mulheres indígenas Katokinn, enquanto conhecedoras e responsáveis, têm suas próprias organizações e significados, exercendo diversas funções ritualísticas, tais como: cozinheira, dançadeiras em pareias na dança do Praiá, carregadeiras de cestos, dançadeiras do cansação, conforme ensaio fotográfico a seguir.

A Mulher Katokinn: a oferenda me representa



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.

VALENTIM, Leticia Alves; SILVA, Gisely Martins. A participação da mulher Katokinn no ritual Corridas do Umbu. *Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô*. Palmeira dos Índios, v. 1, n. 2, p. 134-146. 2022.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Artivo da autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.



Fotografia: Arquivo das autoras.

VALENTIM, Leticia Alves; SILVA, Gisely Martins. A participação da mulher Katokinn no ritual Corridas do Umbu. *Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô*. Palmeira dos Índios, v. 1, n. 2, p. 134-146. 2022.



Fotografia: Arquivo autoras.